

Nem negacionismo, nem cientificismo: o papel da educação intercultural-crítica na construção de uma ciência assente em uma racionalidade ampla e inclusiva

Eixo 03 - Guerras culturais e educação

Carolina Alves d'Almeida

Professora Substituta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do

Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Pós-doutorado em História pelo PPGH (UFF)

Atualmente o debate sobre negacionismo e revisionismo ideológico tem ocupado espaço significativo no meio acadêmico e intelectual brasileiro, em decorrência da influência direta desses “movimentos” no agravamento da pandemia de Covid-19, na consolidação de uma necropolítica, na indiferença com a crise ecológica e na construção de um pensamento relativista oportunista. Nesse contexto, qualquer narrativa é válida, mesmo aquelas sem sentido, fundamento, base científica, base tradicional ou cultural. Não se trata de uma questão de ponto de vista ou localidade, tendo em vista que esse movimento nasce, como “narrativas flutuantes”, no seio do pensamento ocidental, universalizante e hegemônico. Em termos gerais, o ‘negacionismo’ surgiu na década de 1940, com a negação do Holocausto ou genocídio de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Originalmente, trata-se da negação de consensos científicos e bases factuais de processos históricos com a pretensão de encobrir crimes e genocídios praticados pelos Estados, entre outras pretensões. Em outras palavras, o negacionismo envolve uma falsificação histórica ou científica influenciada por motivos políticos-ideológicos. O revisionismo ideológico, por sua vez, não nega consensos factuais - embora prepare o terreno para o negacionismo - mas reinterpreta, ressignifica e reescreve fatos e processos históricos e suas motivações, orientado e influenciado por valores e ideologias, através de manipulação de fontes e distorções metodológicas, como as *fakenews* e “parametodologias”. Segundo Marcos Napolitano (2021), “o revisionismo ideológico é a doença infantil do negacionismo”. Tais movimentos, bem como o conceito de “grande inversão”, de Piero Leirner (2020), vieram à tona nos últimos anos, com a ascensão da Nova Direita, dentro do contexto de um “novo totalitarismo” ou “totalitarismo neoliberal”, como bem definiu Marilena Chauí (2020). No caso do Brasil, no âmbito da Educação, podemos citar como exemplo o programa de governo do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, acerca da suposta “má” influência do grande intelectual Paulo Freire no sistema educacional brasileiro. Na parte dedicada à Educação, o programa sugeria “expurgar a ideologia de Paulo Freire” para mudar o “método de gestão” da educação brasileira. Tal afirmação, que associou os problemas da educação brasileira às ideias de Freire, trata-se de revisionismo ideológico, tendo em vista que a história e os fatos revelam que a maioria dos problemas atuais da educação brasileira são herança da Ditadura Civil-Militar (1964-1988), da reforma e das alterações na política educacional brasileira promovidas pela Constituição de 1967, que defendiam uma “educação bancária”, tecnicista, autoritária e uma pedagogia do exame, justamente o que Paulo Freire combatia, amparado por seu Método.

Esse contexto, propositalmente confuso, gerado pela extrema-direita, assombra o sistema educacional brasileiro, confundindo os professores de filosofia no desafio da formação crítica e reflexiva dos estudantes. Como criticar a ciência (moderna, hegemônica e universalizante) e a racionalidade técnica instrumental capitalista num contexto negacionista? Cabe ressaltar o perigo da polaridade decorrente desse novo contexto negacionista - ou uma ciência neutra, objetiva, universalista e hegemônica, de base eurocêntrica, ou um negacionismo científico disfarçado de oportunismo relativista. Faz-se necessário não deixar de lado os questionamentos com relação às epistemologias, metodologias e pedagogias hegemônicas, coloniais, universalizantes e eurocêntricas.

Com base nas contribuições do pensamento crítico latino-americano - a interculturalidade crítica, as pedagogias da libertação, a educação como prática da liberdade, a pedagogia da transformação ou pedagogia engajada, a teoria da dependência (econômica, cultural, política e epistêmica), as ideias de colonialidade e decolonialidade, de Anibal Quijano, Catherine Walsh, Enrique Dussel, Paulo Freire, Milton Santos, entre outros - pretendo suscitar reflexões sobre o desafio atual da educação brasileira frente às confusões e dissonâncias cognitivas geradas pelas ameaças revisionistas e negacionistas com pretensões ideológicas de extrema-direita. Pretendo ressaltar a importância da construção de uma educação intercultural potencialmente crítica que saiba distinguir a pós-verdade (narrativas sem fundamento, mentiras e fakenews) das verdades construídas pelas polirracionalidades, racionalidades inclusivas, amplas, participativas, críticas e múltiplas. É possível combater o negacionismo científico e revisionismo ideológico a partir das etnociências, etnoconhecimentos, ecologia de saberes, das epistemologias alternativas e decoloniais. Cabe ressaltar o papel da educação, como instituição política, social e cultural, através da qual são construídos e reproduzidos valores, atitudes e identidades, na dissolução de fronteiras epistêmicas e institucionais e na construção de conhecimentos assentes numa racionalidade ampla, inclusiva e participativa.

Palavras-chave: interculturalidade crítica; América-Latina; educação; negacionismo; ciência.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e Revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (orgs.). **Novos combates pela História:** Desafios – Ensino. São Paulo: Contexto, 2021.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e educação intercultural. (Conferência apresentada no Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz). 2009. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1GLTsUp2CjT5zIj1v5PWtJtbU4PngWZ4H1UUkNc4LIa/edit>>. Acesso em: 10 out. 2014.